

# **A RELAÇÃO ENTRE CRENÇA E VERDADE NO CONTEXTO DA DESINFORMAÇÃO: abordagens semióticas sobre os atentados de oito de janeiro<sup>1</sup>**

## **THE RELATION BETWEEN BELIEF AND TRUTH IN THE CONTEXT OF DISINFORMATION: semiotic approaches to the January 8th attacks**

Conrado Moreira Mendes<sup>2</sup>  
Daniel Melo Ribeiro<sup>3</sup>  
Geane Alzamora<sup>4</sup>

**Resumo:** *Os atentados de oito de janeiro de 2023 em Brasília expõem a fragilidade insitucional do país frente aos riscos impostos pelo ecossistema de desinformação. Busca-se compreender a configuração semiótica das crenças que impulsionaram os atentados à luz da noção semiótica de verdade. O recorte empírico é composto pelas quatro imagens mais compartilhadas em grupos públicos de Whatsapp nos dias sete, oito e nove de janeiro de 2023. A análise combina aspectos da semiótica peirciana, semiótica discursiva e sociosemiótica para elucidar como a disputa pela verdade impulsiona a formação de crenças hostis ao funcionamento democrático da sociedade. Observou-se que os ciclos de desinformação se multiplicam em uma espécie de espiral de contágio adensada, por um lado, por métodos dogmáticos de fixação de crenças e, por outro, por formas de interação do regime de ajustamento em que se articula o regime da verdade experimentada. O cotejamento de correntes semióticas distintas para averiguar as relações entre crença e verdade em contexto de desinformação revelou que a noção de contágio opera como mecanismo semiótico de amplificação da desinformação.*

**Palavras-Chave:** *Desinformação. Semiótica. Atentados de oito de janeiro.*

**Abstract:** *The attacks of January 8 in 2023 in Brasília, expose the Brazilian institutional fragility in the face of the risks posed by the disinformation ecosystem. We seek to understand the semiotic configuration of the beliefs that drove the attacks in the light of the semiotic notion of truth. The empirical cut is composed of the four most shared images in public whatsapp groups on January 7th, 8th and 9th, 2023. The analysis combines aspects of Peirce's semiotics, discursive semiotics and sociosemiotics to elucidate how the dispute for the truth drives the formation of beliefs hostile to the democratic functioning of society. It was observed that the disinformation cycles multiply in a kind of spiral of contagion thickened, on the one hand, by dogmatic methods of fixing beliefs and, on the other, by forms of*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Práticas Interacionais, Linguagens e Produção de Sentido na Comunicação do 32º Encontro Anual da Compós. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 03 a 07 de julho de 2023.

<sup>2</sup> Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUC Minas, doutor em Semiótica e Linguística Geral (USP), conradomendes@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Professor do Departamento de Comunicação Social da UFMG, doutor em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), danielmeloribeiro@gmail.com

<sup>4</sup> Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UFMG, doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), geanealzamora@gmail.com

*interaction of the adjustment regime in which the regime of experienced truth. The comparison of different semiotic currents to investigate the relationship between belief and truth in a context of disinformation revealed that the notion of contagion operates as a semiotic mechanism of amplification of disinformation.*

**Keywords:** *Disinformation. Semiotics. January 8th attacks.*

## 1. Introdução

Os atentados de oito de janeiro de 2023 às sedes dos três poderes em Brasília são particularmente relevantes no contexto dos estudos sobre desinformação e política no Brasil porque expõem a fragilidade institucional do país frente aos riscos impostos pelo ecossistema de desinformação. Além disso, o evento evidencia que a desinformação produz efeitos concretos na sociedade, interfere na apreensão sógnica da realidade e fundamenta discursos que simulam efeitos de veracidade, ainda que falsos, distorcidos ou enganosos.

Conforme demonstrado pelas investigações, os ataques foram gestados em grupos de extremistas leais ao ex-presidente Jair Bolsonaro, sobretudo no Whatsapp e Telegram<sup>5</sup>. O evento coloca em relevo a necessidade de discutir o estatuto semiótico da verdade e os mecanismos de formação de crenças frente aos discursos dissonantes em relação à realidade compartilhada, como é o caso das eleições. Verdade e crença são, portanto, aspectos cruciais para regular o cotidiano em uma sociedade democrática. Para investigar a questão, realizamos a análise semiótica das quatro imagens que mais circularam em grupos públicos no WhatsApp no dia oito de janeiro, no dia anterior e no dia posterior aos atentados.

Em trabalho anterior, apresentado neste GT em 2022, enfatizamos diferenças relevantes sobre como cada vertente semiótica compreende a verdade e sua relação com a crença. De um lado, apontamos como o pragmatismo de Charles Peirce entende a verdade como um ideal que orienta o pensamento, num processo autocorretivo de aprimoramento contínuo das nossas crenças. A verdade é o ponto de convergência almejado pela ciência, orientando as cadeias de semiose, rumo ao aprendizado evolutivo. A realidade, nessa perspectiva, atua como uma força corretiva sobre os signos, que são confrontados com os fatos, tendo em vista seus efeitos práticos no mundo. Por outro lado, destacamos que a verdade, de acordo com a semiótica discursiva, não se submete à realidade e, portanto, não compartilha um vínculo ontológico. Nesse sentido, a verdade é estabelecida por meio de um contrato de veridicção entre enunciador e enunciatário. Contudo, a aproximação das duas abordagens teóricas

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/8-janeiro-mes-ataques-golpistas-invasao-brasilia-o-que-se-sabe/>. Acesso: 01 Mar. 2023.

permitiu observar que há um relevante ponto em comum, que reside no papel que as crenças desempenham nas trocas discursivas e na construção do sentido. Assim, a crença se apresenta como um conceito que não pode ser ignorado nos estudos sobre a desinformação (RIBEIRO, MENDES, ALZAMORA, 2022).

Tendo em vista o recorte empírico agora proposto, buscamos ampliar a discussão anterior com base na seguinte indagação: como os atentados de oito de janeiro podem ser explicados à luz semiótica de C. S. Peirce e da semiótica discursiva de A. J. Greimas, em complemento com a sociosemiótica de E. Landowski? Num segundo nível, mais abstrato, que aspectos dessas teorias são mobilizados para compreender a empiria em questão e de que maneira se pode pensar em uma possível correspondência entre eles?

## **2. Os atentados de oito de janeiro e seu ecossistema de desinformação**

No dia oito de janeiro de 2023, primeiro domingo posterior à posse de Luís Inácio Lula da Silva como presidente do País pela terceira vez, apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro invadiram e depredaram o Palácio do Planalto (poder executivo), Congresso Nacional (poder legislativo) e Superior Tribunal Federal (poder judiciário). Boa parte dos manifestantes, vestidos de verde e amarelo, partiu do acampamento localizado diante do quartel-general do Exército, em Brasília, em direção à Esplanada dos Ministérios. A invasão foi transmitida pela TV, meios digitais e, ainda, de forma direta, em *lives* por bolsonaristas radicais<sup>6</sup>.

A dinâmica de compartilhamento de convocações para manifestações em Brasília, em resistência ao resultado das eleições de 2022 no Brasil, coloca em evidência os processos de fixação de crenças em torno de desinformação, sobretudo em relação à segurança das urnas eletrônicas. Nota-se que o ecossistema de desinformação, "duto pelo qual vicejam as *fake news* e o discurso de ódio" (BARRETO JÚNIOR; NASPOLINI; PICAZIO, p. 1, 2022), não é composto exclusivamente por informações falsas, mas também por informações distorcidas ou enganosas com base em aspectos como descontextualização, ressignificação e desconfiança. Por essa razão, a disputa pela verdade, acirrada pela polarização política, é um componente fundamental do ecossistema de desinformação.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/01/08/bolsonaristas-congresso-policia.htm>. Acesso: 03 Mar. 2023.

Chamamos de ecossistema de desinformação ao conjunto disperso, anômalo e instável de informações falsas, distorcidas ou enganosas que concorrem para fixar crenças dissonantes por meio de efeitos de sentido que remetem à veracidade, ainda que de modo traiçoeiro. Para Demuru e Sedda (2022, n. p.), "semioticamente, a verdade só pode beirar. Dela só podemos falar de maneira assintótica, tangencial, contingencial, negativa, diferencial". Mas, a despeito de tal configuração semiótica, os autores advertem: "É imprescindível disputar a verdade" (idem).

Nos atentados de oito de janeiro em Brasília, o ecossistema de desinformação foi mobilizado para produzir efeitos danosos nas instituições democráticas, desestabilizar a vida social e desacreditar o sistema eleitoral do país em nome de uma suposta verdade escamoteada, conforme apregoador por teorias da conspiração e discursos de ódio. Os fatos, entretanto, são interpretados conforme se configura a disputa pela verdade em cada contexto, o que pode interferir no sistema de crenças que sustenta o ecossistema de desinformação e até ressignificá-lo.

Em um estudo sobre desinformação e política no Brasil, Barreto Júnior, Napolini e Picazio (2022) consideram que as campanhas de desinformação se transformaram em estratégia permanente que poluem o ambiente político e interferem no direito legítimo dos cidadãos de fazerem escolhas em bases racionais nas eleições. A desinformação, segundo eles, pode não ser verdadeira, mas necessita parecer verdadeira.

Os atentados de oito de janeiro de 2023 em Brasília representam o ápice do ecossistema de desinformação no contexto eleitoral de 2022 porque culminaram em ações de vandalismo que concretizaram o descrédito dos manifestantes às instituições democráticas do país. Torna-se premente, portanto, compreender como essas crenças se fixaram em torno de mensagens compartilhadas em conexões de redes sociais *online*, sobretudo WhatsApp e Telegram, e de que modo o estatuto semiótico da verdade foi reconfigurado em discursos de ódio que desprezavam processos de verificação em prol de modos embaçados de ver a realidade.

### **3. Procedimentos metodológicos e *corpus***

Este estudo tomou como objeto empírico um conjunto de postagens realizadas no aplicativo WhatsApp entre os dias 7 e 9 de janeiro de 2023. Selecionamos as quatro imagens que foram mais compartilhadas nesses três dias em grupos públicos que são diariamente

monitorados pela ferramenta “Monitor de WhatsApp”, um sistema de monitoramento desenvolvido pelo Departamento de Ciência da Computação da UFMG, no contexto do projeto “Eleições Sem Fake”<sup>7</sup>. O monitor recolhe diariamente, por meio de *scripts* automatizados, textos, imagens, vídeos e figurinhas das postagens em cerca de 350 grupos públicos do WhatsApp, que geralmente tratam de política e estão associados a movimentos de direita, liberais, cristãos e conservadores. São exemplos de grupos monitorados: “Amor pelo Brasil Gru”, “DIREITA BRASIL”, “Bolsonaro22 o CONTRAgolpe”, “GRUPOS DE AMIGOS”, “Deus, Pátria, Família”, “DIREITA ATÉ O FIM!”, “Realidades do Mundo” etc. A coleta é disponibilizada para pesquisadores e veículos de imprensa que trabalham com checagem de fatos<sup>8</sup>. Além disso, esse projeto integra o Programa UFMG de formação cidadã em defesa da democracia<sup>9</sup>, uma iniciativa institucional de mobilização de pesquisadores em torno do tema da desinformação, em parceria com o STF. Esse programa também conta com a participação do grupo de pesquisa MediaAção<sup>10</sup>, que contribui com a pesquisa intitulada “A perspectiva pragmática da crença na sociedade da desinformação e suas implicações nas eleições presidenciais do Brasil em 2022”, cujos resultados parciais estão sendo debatidos neste encontro da Compós 2023. As imagens selecionadas<sup>11</sup> foram as seguintes:

Dia sete de janeiro de 2023:

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.eleicoes-sem-fake.dcc.ufmg.br>. Acesso: 04 mar. 2023.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/>. Acesso: 04 mar. 2023.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://ufmg.br/defesademocracia>. Acesso: 04 mar. 2023.

<sup>10</sup> Disponível em: <http://mediaacao.com.br/>. Acesso: 04 mar. 2023.

<sup>11</sup> As imagens também estão disponíveis em melhor resolução no seguinte endereço:

<http://mediaacao.com.br/postagens-dos-atentados-de-8-de-janeiro-no-whatsapp/>. Acesso: 04 mar. 2023.

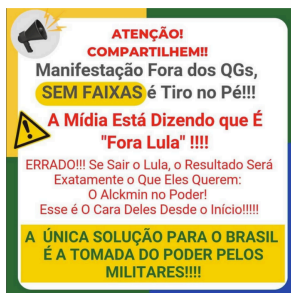


Figura 1: Primeira imagem mais compartilhada em 07/01. 44 compartilhamentos, em 38 grupos, por 39 usuários. Fonte: Monitor de WhatsApp.

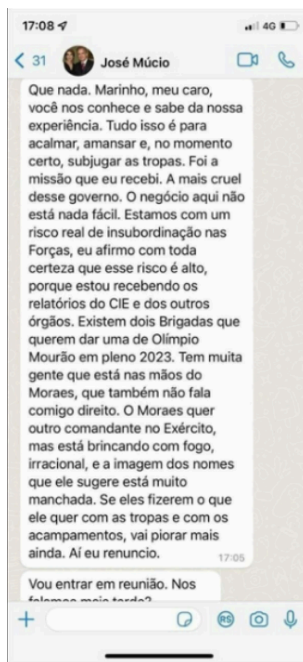


Figura 2: Segunda imagem mais compartilhada em 07/01. 38 compartilhamentos, em 34 grupos, por 32 usuários. Fonte: Monitor de WhatsApp.



Figura 3: Terceira imagem mais compartilhada em 07/01. 29 compartilhamentos, em 24 grupos, por 27 usuários. Fonte: Monitor de WhatsApp.

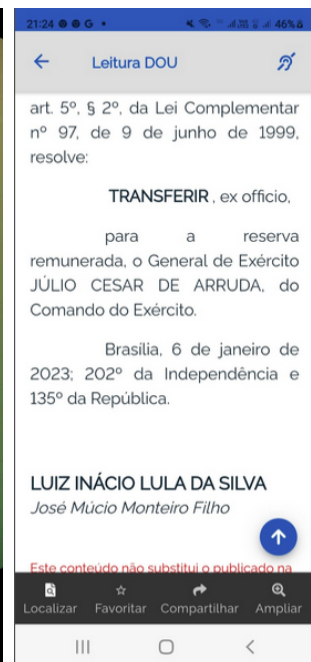


Figura 4: Quarta imagem mais compartilhada em 07/01. 24 compartilhamentos, em 20 grupos, por 23 usuários. Fonte: Monitor de WhatsApp.

No dia que antecedeu os atentados, o conteúdo da imagem mais compartilhada diz respeito a um alerta direcionado aos manifestantes, orientando-os a utilizar faixas, a fim de demarcar, de maneira explícita, que o movimento não deve adotar a mensagem “Fora Lula” e sim a tomada do poder pelos militares. Na segunda imagem, há uma suposta reprodução de uma conversa em um aplicativo de mensagem, aparentemente atribuída a José Múcio, Ministro da Defesa escolhido pelo governo Lula e que atua na intermediação entre o poder executivo e as forças armadas. A mensagem sugere ser um recorte de uma conversa do Ministro Múcio com um interlocutor chamado “Marinho”, e trata de um risco de insubordinação das tropas nas forças armadas. Segundo o portal Poder 360<sup>12</sup>, a postagem é falsa. A terceira imagem mostra o retrato de um homem branco, vestido com uma camisa verde, fazendo o gesto da letra L com a mão e com adereços do Brasil na cabeça e no rosto, que foram digitalmente incluídos na imagem. Acima da fotografia, há o texto “Preparado para se infiltrar em território inimigo”, seguido de um *emoticon* de uma carinha com um

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/e-falsa-mensagem-atribuida-a-jose-mucio-que-circula-na-web/>. Acesso: 04 mar. 2023.

sorriso irônico. Esses elementos sugerem que a imagem foi retirada de um *stories* do Instagram, indicando a possibilidade de uma postagem feita por esse usuário. Contudo, abaixo do retrato, há um outro texto de alerta que, aparentemente, foi feito por outro usuário, dizendo que essa pessoa seria um infiltrado entre os patriotas, e que, na verdade, estaria contra o presidente Bolsonaro. Por fim, a quarta imagem sugere um recorte de um trecho do Diário Oficial da União, onde o Presidente Lula transfere “para a reserva remunerada”, no dia seis de janeiro de 2022, o general Júlio César de Arruda do comando do exército. Arruda foi confirmado no comando do exército no dia seis de janeiro, mas foi logo demitido no dia 21 de janeiro, após os atritos entre as forças armadas e o interventor do DF, nomeado por Lula no dia dos atentados<sup>13</sup>.

Dia oito de janeiro de 2023:



Figura 5: Primeira imagem mais compartilhada em 08/01. 135 compartilhamentos, em 91 grupos, por 108 usuários. Fonte: Monitor de WhatsApp.

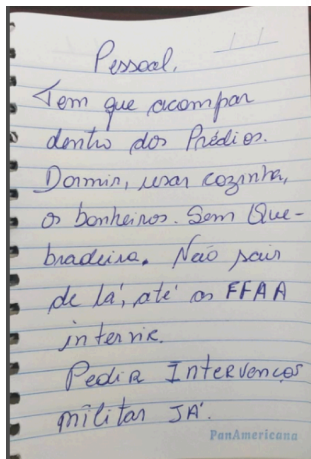


Figura 6: Segunda imagem mais compartilhada em 08/01. 92 compartilhamentos, em 66 grupos, por 70 usuários. Fonte: Monitor de WhatsApp.

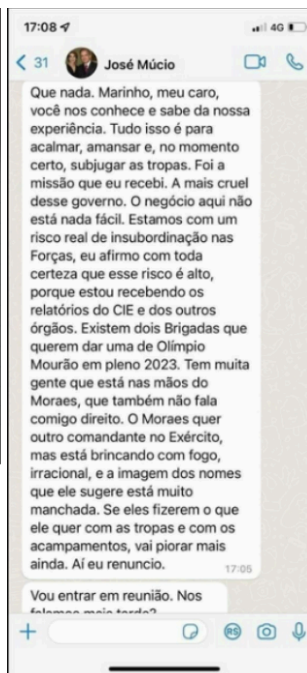


Figura 7: Terceira imagem mais compartilhada em 08/01. 92 compartilhamentos, em 66 grupos, por 69 usuários. Fonte: Monitor de WhatsApp.



Figura 8: Quarta imagem mais compartilhada em 08/01. 64 compartilhamentos, em 50 grupos, por 48 usuários. Fonte: Monitor de WhatsApp.

No dia dos atentados, a imagem mais compartilhada se refere a uma ordem, direcionada aos invasores, para que eles acampem dentro do Congresso Nacional, do Palácio

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/dedo-na-cara-e-ameaca-comandante-demitido-peitou-flavio-dino-no-8-de-janeiro>. Acesso: 04 mar. 2023.

do Planalto e do STF (respectivamente, as sedes dos poderes legislativo, executivo e judiciário em Brasília). A mensagem é seguida da frase “Passem adiante!”, indicando um comando para que a postagem seja replicada entre outros usuários. A segunda imagem é uma reprodução de um texto escrito à mão em uma folha de caderno, cujo conteúdo é complementar à primeira imagem. O texto pede para que as pessoas ocupem e usem as dependências dos prédios invadidos, mas “sem quebradeira”. A ocupação deverá permanecer até a intervenção das “FFAA” (sigla que representa as forças armadas). O uso da mensagem manuscrita (e não em formato de texto) é explicado por outro usuário, em uma outra postagem fora do nosso *corpus*, que afirma que essa técnica “evitaria” que os algoritmos das redes sociais bloqueassem o conteúdo, pela dificuldade em reconhecer o texto. A terceira imagem é a mesma que também apareceu no dia anterior, referente a uma suposta conversa do ministro Múcio. A quarta imagem é bastante emblemática, pois contém instruções explícitas para o deslocamento dos terroristas do QGEX (“quartel general do exército”, onde o grupo estava acampado) para a Esplanada dos Ministérios em Brasília, às 13h30. Trata-se de uma aparente reprodução de um *tweet* feito pelo usuário “Papa PIO-XXII”, no qual o texto é seguido por uma imagem de pessoas à frente de policiais militares fardados, ao lado de um dos palácios do governo em Brasília.

Dia nove de janeiro de 2023:



Figura 9: Primeira imagem mais compartilhada em 09/01. 53 compartilhamentos, em 43 grupos, por 43 usuários. Fonte: Monitor de WhatsApp.



Figura 10: Segunda imagem mais compartilhada em 09/01. 45 compartilhamentos, em 37 grupos, por 29 usuários. Fonte: Monitor de WhatsApp.



Figura 11: Terceira imagem mais compartilhada em 09/01. 37 compartilhamentos, em 33 grupos, por 33 usuários. Fonte: Monitor de WhatsApp.



**Divulguem até chegar às forças armadas.**

Figura 12: Quarta imagem mais compartilhada em 09/01. 30 compartilhamentos, em 26 grupos, por 27 usuários. Fonte: Monitor de WhatsApp.



No dia seguinte aos dos atentados, a imagem mais compartilhada trata de um alerta para a suposta presença de “infiltrados” nos atos. A imagem mostra vidraças da fachada de um prédio, com algumas pessoas não identificadas por trás dos vidros. Inseridas digitalmente por cima das imagens há três setas vermelhas, apontando para essas pessoas, abaixo do texto “*black blocks* infiltrados”, seguidos pelos textos “camisa preta e máscara”, “mascarado” e “cobrindo o rosto”. Acima da imagem, há um texto dizendo “INFILTRADOS - MENINOS DO LULES E DINO”, sugerindo que essas pessoas seriam, na verdade, apoiadores do Lula que estariam infiltrados entre os patriotas. Essa imagem dialoga com outra imagem coletada no dia sete de janeiro, que também se refere a um possível infiltrado. Trata-se de uma referência que circulou bastante no dia seguinte aos atentados, entre as redes bolsonaristas, de que as ações de vandalismo teriam sido, na verdade, comandadas por petistas<sup>14</sup>, numa tentativa de transferir a responsabilidade pela depredação para o espectro político rival. A segunda imagem trata de uma mensagem de apoio à “grave” (sic) dos caminhoneiros, referindo-se a uma possível paralisação total organizada pela categoria. A terceira imagem retoma a falsa notícia sobre os infiltrados nos atentados, mostrando a imagem de uma pessoa enrolada na bandeira do Brasil, entre outras pessoas, aparentemente num dos prédios de Brasília, mas com a cabeça coberta por um boné, óculos escuros e uma faixa com o desenho de uma mandíbula cobrindo o restante do rosto. Apontando para essa pessoa, há um texto dizendo que “Patriota não usa isso”. Por fim, a quarta imagem mostra uma outra notícia falsa, contendo um retrato do ministro da justiça Flávio Dino e um texto denunciando que o ministro teria dito que os manifestantes seriam “abatidos com bala de verdade”. A mensagem é assinada por “Divulga Gospel” e pede para que o alerta seja repassado “até chegar nas forças armadas”.

#### **4. Os atentados de oito de janeiro à luz do pragmatismo e da teoria dos signos de Peirce**

As quatro imagens mais compartilhadas no período analisado - no dia dos atentados, um dia antes e um dia depois - demonstram que a intenção dos manifestantes era incitar a tomada do poder pelos militares, em um movimento que torna praticamente indiscernível o contraste entre informação e desinformação. A configuração semiótica das imagens, aqui entendidas como signos, remete à sutil articulação entre a referência denotativa - à

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-64243831>. Acesso: 04 mar. 2023.

desconfiança em relação ao sistema eleitoral - e a proposição conotativa de tomada do poder pelos militares. Esse movimento semiótico, entretanto, tanto pode embasar a desinformação, se a referência não encontrar ressonância na representação, quanto a informação, entendida como processo cuja significação encontra-se devidamente ancorada na referência.

Na visão de Charles Sanders Peirce (1839-1914), a informação é um símbolo e este opera semioticamente como regra de interpretação pela força de um hábito. De acordo com Santaella (2005), o símbolo pode denotar o objeto que lhe serve de referência por extensão (índice), enquanto sua capacidade de conotação corresponde ao componente icônico, que aprofunda sua capacidade de significação por analogia. O que estabelece efetivamente a interpretação, ou semiose, é um hábito de ação fundamentado em uma crença. Logo, o problema empírico da verdade deve ser averiguado pelo modo como as crenças se cristalizam e se expandem na sociedade (ALZAMORA, 2021).

A verdade é um ideal normativo que regula o aprimoramento da semiose. Caso fosse possível atingir as bordas da semiose, verdade (interpretante final) e realidade (objeto dinâmico) se equivaleriam. Em sua constante tentativa de representar a realidade, o signo traz à cena súnica rastros da realidade (índices), os quais se fundamentam em qualidades icônicas, como sentimentos, timbres e texturas com vistas a se traduzir em regras de ação (símbolo). A (des)informação, em sua dimensão súnica, se baseia em convenções sociais relacionadas a crenças duradouras. Apresenta, assim, natureza simbólica. Conseqüentemente, se fundamenta denotativamente em índices e conotativamente em ícones.

A iconicidade diz respeito às qualidades formais de um signo, como cores, traços, intensidades, contrastes e, sobretudo, semelhanças. Segundo Peirce, “O ícone é um signo cuja virtude significativa se deve simplesmente à sua qualidade” (CP<sup>15</sup> 2.92). Nas imagens selecionadas para este estudo, chama a atenção a presença das cores verde e amarela, principalmente nas imagens que contêm fotografias dos invasores, com seus adereços e vestimentas. A semelhança das imagens com as típicas postagens de aplicativos de redes sociais, como Instagram e Twitter, também nos permite reconhecer uma intensa mobilização dos usuários em torno dessas redes para o compartilhamento e o engajamento. Também se destaca, por iconicidade, a imagem de um texto manuscrito em uma folha de papel, em contraste com os outros textos, conotando um caráter mais “subversivo” dessa mensagem.

---

<sup>15</sup> A sigla CP corresponde aos *Collected Papers* de Peirce. O primeiro número indica o volume e os próximos números após o ponto indicam o parágrafo.

Do ponto de vista simbólico, notam-se alguns elementos que atuam como signos de reconhecimento imediato para os brasileiros, principalmente a bandeira ao lado dos nomes dos usuários e nas roupas. É possível também reconhecer partes de prédios públicos, que simbolizam os poderes constitucionais da nação. O uso frequente da linguagem textual, mesmo tratando-se de imagens, também simboliza a necessidade de apoio do código linguístico, a fim de reforçar comandos, ordens, alertas e orientações para os seguidores. Lembrando que, para Peirce, “um símbolo é um signo que se refere ao seu objeto em virtude de uma lei, normalmente uma associação de idéias gerais” (CP 2.249).

Contudo, um dos aspectos semióticos que mais se destacam nessa coleta diz respeito ao caráter indicial dessas imagens. Os índices são signos que possuem a característica de serem afetados por seus objetos (CP 2.248), forçando a atenção imediata do intérprete para eles (CP 1.369). Devido à sua conexão causal, espacial e temporal com os objetos representados, os índices apontam para fatos e acontecimentos. Assim, as imagens selecionadas remetem concretamente aos fatos ocorridos entre os dias sete e nove de janeiro. Tanto o recorte de documentos e postagens, as fotografias das pessoas, as setas, as legendas e mesmo os alertas textuais apontam, principalmente, para as invasões. Nesse sentido, os índices atuam como evidência factual da verdade representada, ou seja, funcionam como provas “irrefutáveis” de que aquele signo está ligado ao objeto de maneira incontestável. Contudo, esse caráter indicial e denotativo das imagens é distorcido pelos elementos icônicos e simbólicos complementares, que acabam conotando sentidos que se afastam da verdade factual, como nas afirmações de que os invasores seriam “petistas infiltrados” ou que os manifestantes seriam “abatidos com balas de verdade”.

As propriedades icônicas, indiciais e simbólicas dessas imagens provocam efeitos interpretativos nos seus leitores, que Peirce denominou como interpretantes. Dependendo da predominância dessas características nos signos analisados, certos interpretantes poderão ser estimulados. Dentre as várias classificações elaboradas por Peirce, destacamos a tríade dos interpretantes emocionais, energéticos e lógicos (EP2<sup>16</sup>, p. 409). Interpretantes emocionais expressam qualidades de sentimentos. Interpretantes energéticos correspondem a algum tipo de esforço, seja mental ou físico. Por fim, os interpretantes lógicos resultam de um pensamento ou elaboração mental articulada. É possível inferir que os signos selecionados estimulam interpretantes energéticos, uma vez que, por exemplo, há muitos elementos

---

<sup>16</sup> A sigla EP corresponde à publicação *Essential Peirce*. O número ao lado indica o volume, seguido da página.

textuais que representam comandos, ações e convocações, com abundância de verbos no imperativo. Devido ao caráter mobilizador dessas imagens, o leitor é convocado a agir, tomar uma posição, indignar-se e engajar-se na causa dos patriotas. Interpretantes lógicos também são estimulados, principalmente pelo uso de notícias falsas que tentam convencer o intérprete sobre uma decisão arbitrária, tais como o uso de “balas de verdade autorizado pelo ministro Dino para abater os invasores” ou o recorte de uma suposta conversa particular do ministro Múcio, sugerindo teorias conspiratórias a respeito do clima de subversão entre os militares. Todos esses possíveis interpretantes, por sua vez, estão conectados a interpretantes emocionais, sentimentos mais gerais, como o ódio e a revolta que alimentam essas ações e pensamentos.

Em nosso estudo anterior (RIBEIRO, MENDES, ALZAMORA, 2022), recuperamos o pragmatismo peirciano como suporte conceitual para compreender a maneira como a verdade se relaciona com o sistema de crenças. Para isso, mencionamos um texto relevante de sua obra, chamado “A Fixação da Crença” (PEIRCE, 2008), no qual são apresentados quatro métodos de fixação de crenças, denominados *método da tenacidade*, *método da autoridade*, *método a priori* e o *método científico*.

Neste estudo sobre os atentados de oito de janeiro, é possível notar como os métodos de fixação de crenças são empregados de maneira combinada, a fim de estimular crenças que orientaram a mobilização dos invasores. Por exemplo, o *método da tenacidade*, que se caracteriza pela fixação de crenças por repetição e insistência, pode ser identificado pela presença de postagens duplicadas, como a suposta conversa do ministro Múcio, que aparece em dois dias da coleta. Além disso, é possível notar como temas semelhantes são sistematicamente abordados, tais como a ordem para ocupar os prédios públicos e a insistência na teoria de que o vandalismo foi, na verdade, praticado por infiltrados petistas. O *método da autoridade*, que se caracteriza pela mobilização de crenças por meio da imposição de poder, é identificado pelo forte amparo na autoridade das forças armadas, que são invariavelmente convocadas como instituições de endosso aos golpistas. Já o *método a priori*, que se caracteriza por propor explicações aparentemente lógicas, mas que, na verdade, refletem caprichos e preferências individuais, pode ser detectado nas duas notícias falsas, tais como a teoria dos infiltrados e a mensagem de que os “manifestantes seriam abatidos”. Ou seja, ambas teorias oferecem explicações que, mesmo sem fundamento, agradam seus seguidores, que “querem” acreditar na sua veracidade.

As reflexões sobre as crenças em Peirce são um componente fundamental do seu pragmatismo, na medida em que revelam como as crenças, entendidas como um tipo de hábito, geram efeitos práticos. Em uma das definições de pragmatismo, Peirce aponta que o objetivo dessa teoria é compreender o significado dos conceitos, por meio da investigação dos hábitos que esses conceitos geram em nossa conduta (CP 5.400). Uma vez que a fixação das crenças é estimulada pelo nosso contato com os signos que circulam no mundo, torna-se necessário compreender como esses signos se manifestam, como eles se relacionam com os objetos representados e, sobretudo, quais são os efeitos interpretativos que eles estão aptos a provocar. Daí a conexão entre o pragmatismo e a teoria dos interpretantes, um dos pontos-chave desta abordagem (COLAPIETRO, 2013). Em outras palavras, os interpretantes gerados a partir do nosso contato com os signos alimentam nossas crenças e estas orientam nossa conduta. O nosso agir no mundo, por sua vez, gera novos signos que estimulam novos interpretantes, movimentando, portanto, as cadeias de semiose.

Em nosso estudo de caso, a relação entre o pragmatismo e os interpretantes pode ser exemplificada da seguinte forma: a mobilização dos apoiadores de Bolsonaro para realizar a invasão dos prédios em Brasília (um efeito prático concreto), resulta de um conjunto de crenças ligadas à rejeição do resultado das eleições presidenciais que, certamente, foram alimentadas por um intenso bombardeio de desinformação que circula nas redes (signos). Os registros sígnicos das invasões, por sua vez, são reapropriados para gerar novas cadeias de desinformação (como no caso dos “infiltrados petistas entre os patriotas”), movimentando novos ciclos de semiose. Portanto, o desafio consiste em empreender esforços para que esses ciclos de desinformação, que se multiplicam numa espécie de *contágio*, sejam rompidos ou pelo menos questionados, a fim de que os interpretantes em disputa possam seguir rotas que apontem para a verdade, no longo curso do tempo.

A tese de que a desinformação opera nas redes sociais por contágio foi desenvolvida por Baggio (2021). Parte-se da ideia de que os métodos da tenacidade, da autoridade e *a priori* se configuram como métodos dogmáticos de fixação de crenças (IBRI, 2020), pois são considerados infalíveis na medida em que desprezam os fatos, mantendo afastado o desconforto da dúvida. Além disso, ao contrário do método científico, tais crenças não se submetem ao crivo da crítica coletiva, tampouco são testadas, quantitativamente, pela experiência indutiva. No entanto, as plataformas de redes sociais digitais potencializam o efeito contaminador dessas crenças dogmáticas. Devido ao poder multiplicador das redes, as

“crenças dogmáticas passam a significar infalibilidade quantitativa, equivalente a que resulta do procedimento científico” (BAGGIO, 2021, p. 70). Ou seja, a abundância de signos que corroboram essas crenças transmite uma impressão de que estão supostamente amparadas por fatos, causando um efeito semelhante do teste indutivo de longo prazo, que é um pré-requisito do método científico. Assim toma-se por “verdade” o processo signico fundado em crenças indubitáveis, ainda que de modo provisório.

## **5. Os atentados de oito de janeiro à luz da semiótica de Greimas e da sociossemiótica de Landowski**

O trabalho anteriormente apresentado (RIBEIRO, MENDES, ALZAMORA, 2022), no que diz respeito à semiótica discursiva, abordou o conceito de verdade pela proposta de Greimas (2014) e Greimas e Courtés (2008). De forma resumida, verdade é o termo gerado pela combinação das modalidades veridictórias do ser e do parecer. Aquilo que é considerado verdadeiro é o resultado da sanção fiduciária do destinatário frente à proposição de um contrato por um destinador. Desse modo, o que parece ser verdadeiro é resultado do *contrato de veridicção* (GREIMAS, 2014), que não visa a estabelecer uma correspondência entre linguagem e referente, mas considera verdadeiro aquilo que foi acordado como tal entre os actantes da enunciação, sobretudo com base na crença.

Em recente proposta, Landowski (2022) aumenta exponencialmente as possibilidades da construção de um efeito de verdade a partir de modelo denominado *regimes de verdade*. Tal modelo é tributário dos regimes de interação e sentido (LANDOWSKI, 2014) e concebe a construção do verdadeiro como o resultado de mecanismos semióticos que se desenvolvem no interior de cada regime interacional, a saber: a *programação*, a *manipulação*, o *ajustamento* e o *acidente*. A proposição de Landowski (2022) operacionaliza uma das conclusões a que chegou o trabalho anterior (RIBEIRO, MENDES, ALZAMORA, 2022), ou seja, de que a adesão ao discurso desinformacional se baseia, além da crença, nas emoções do destinatário. A esse respeito, corroboramos, alhures, nossa posição com a de Barros (2020, p. 28), que afirma: "Quando a interpretação se baseia, sobretudo ou apenas, nas crenças e emoções do destinatário interpretante, os discursos mentirosos são entendidos como verdadeiros".

Dito de outra forma, o modelo teórico dos regimes de verdade concebe ao sensível um lugar de fato e de direito para a compreensão de um certo efeito de verdade, o que, no

trabalho anterior, era evidente pela empiria, no entanto, a semiótica greimasiana ou *standard* não permitia plenamente o tratamento desses elementos. Isso porque a concepção da verdade como eficácia discursiva (GREIMAS, 2014) se ancora na noção de contrato e, por isso mesmo, é tributária de apenas um dos regimes de interação e sentido, que é a manipulação. O referido debate político era calcado numa base racional e foi paulatinamente dando lugar a um tipo de discurso político construído com elementos da esfera privada e de natureza estética, sobretudo em se tratando do discurso populista. Assim, para Landowski,

[...] na política, o sentimento de verdade é menos uma questão de lógica do que de confiança na fala do outro [...]. O resultado é o presente (e aparentemente irresistível) crescimento de formas contagiosas de excitação política – devoção total de um lado, ódio sem limites do outro – que se originam num plano estético fundamentalmente tão alheio a qualquer espírito argumentativo quanto a qualquer “contrato de veridicção” (LANDOWSKI, 2022, p. 2-3).

Dessa forma, os regimes de verdade, proposta da sociosemiótica de E. Landowski, além de um efeito de verdade construído a partir de uma relação – ou interação contratual –, permitem que se reconheçam outras três formas de verdade, cada uma das quais englobada por um dos quatro regimes interacionais já citados. No quadro a seguir, são apresentados os quatro regimes de verdade, homologados aos respectivos regimes de interação e sentido – ou significância –, conforme Landowski (2022):

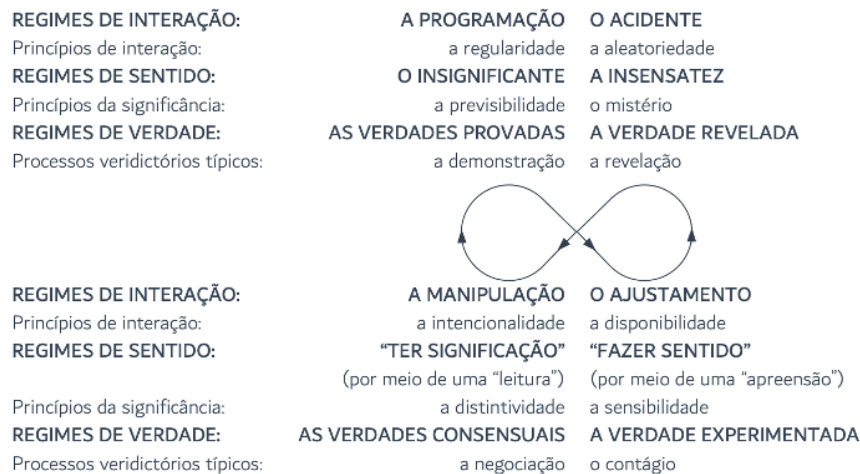


Figura 13: Regimes de verdade.  
 Fonte: Landowski (2022)

A chamadas *verdades consensuais* são aquelas subsumidas pelo regime interacional da manipulação e, por isso, baseiam-se num contrato – o de veridicção – e, em função do regime em questão, pauta-se pelo princípio da intencionalidade. Nesse regime de verdade, “se

os interlocutores conseguirem chegar a um acordo, será o resultado de uma negociação que incide sobre o status veridictório das reivindicações apresentadas por ambos os lados” (LANDOWSKI, 2022, p. 12). Nesse regime, os interactantes tomam decisões porque são sujeitos de vontade e o fazem porque são capazes de comparar propostas, oportunidades, riscos, com base no princípio que o autor chama de *distintividade*. Este é o modo como o mundo tem sentido para os interactantes nesse regime de verdade, ou seja, é por meio da diferença que os sujeitos operam cognitivamente, ainda que diverjam em termos de intencionalidade.

A verdade dita consensual (mesmo que essa terminologia não tenha sido mencionada) foi aquela em que nos baseamos no trabalho anterior no que tange à abordagem pela semiótica de Greimas, embora estivéssemos atentos ao aspecto estésico da adesão ao discurso desinformativo e, por essa razão, a noção de contrato mostrou-se insuficiente.

Outros dois regimes de verdade propostos por Landowski (2022), englobados, respectivamente, pelos regimes da programação e do acidente, são: *as verdades provadas* e *a verdade revelada*. No regime da programação, as interações são regidas pelo princípio da regularidade, pelas leis físicas ou sociais de um universo previsível, tal como o exemplo dado pelo autor de que a água ferve a 100 graus Celsius. *As verdades provadas* se inscrevem “nos limites das regularidades ou, no mínimo, potencialmente, cognoscíveis” (LANDOWSKI, 2022, p. 10). Assim, o discurso da ciência, cujo método pressupõe a demonstração de uma verdade se encontraria, em estado puro, no regime das *verdades provadas*.

Já a *verdade revelada* se inscreve no regime interacional do acidente e, portanto, tem como princípio a aleatoriedade e se caracteriza pelo termo descontinuidade, ao contrário da programação, caracterizada pela continuidade. *A verdade revelada* implicaria a existência da crença no inacreditável, visto que o acidente implica a realização do irrealizável, do inesperado: *credo quia absurdum*, isto é, acredito ainda que seja absurdo, tal como a fé na ressurreição de Jesus Cristo pelos cristãos: “[assim], se um determinado regime do crer se liga ao acidente, é precisamente o fato de que o acidente é insensato” (LANDOWSKI, 2022, p. 10).

Passamos, agora, à exposição do regime de verdade que vem ao encontro da problemática deste trabalho que é compreender os atentados de oito de janeiro de 2023, a saber: *a verdade experimentada*. Se no caso das *verdades consensuais* é o princípio da *distintividade* que rege a leitura de mundo pelos sujeitos, no caso da *verdade experimentada*,



entra em cena o princípio da sensibilidade, que é aquele que governa o regime do ajustamento. Ao contrário do regime das *verdades consensuais*, guiado pela intencionalidade, em termos de interação, o regime da *verdade experimentada* é pautado pela *disponibilidade*. Sensibilidade e disponibilidade, portanto, caracterizam o regime da *verdade experimentada*. Nesse regime,

[...] a comunicação se torna comparável a uma forma de contágio emocional que uniformiza os estados psicossomáticos experimentados em ambos os lados, o que induz ao compartilhamento, ainda que momentâneo, de uma mesma visão de mundo. Uma forma muito elementar do “crer” pode então se propagar, por assim dizer, como um incêndio [...] (LANDOWSKI, 2022, p. 15).

Diferentemente do regime das *verdades consensuais*, que implicaria a leitura atenta das diferenças pertinentes, no regime da *verdade experimentada*, bastaria uma forma de apreensão imediata diante do mundo, em função de suas propriedades sensíveis. Nesse caso, o *contrato*, do regime interacional da manipulação, dá lugar ao *contato*, do regime do ajustamento. Por isso, a intencionalidade, pelo menos relativamente, dá lugar à disponibilidade. Landowski (2022) propõe três entre várias configurações dentro desse regime de verdade: (1) a associação entre disponibilidade, sensibilidade e crença; (2) a crença mística; (3) um regime de imanência pura.

O regime da verdade experimentada se apresenta como uma importante chave de leitura para a compreensão dos atentados de oito de janeiro, isso porque o descrédito nas instituições, sobretudo no Judiciário, e nas urnas eletrônicas, cuja segurança já foi mais que comprovada<sup>17</sup>, foram o mote para a organização das invasões. Entretanto, também é preciso considerar que a concentração dos chamados patriotas em frente aos quartéis gerais do Exército em diversas cidades brasileiras após a derrota de Bolsonaro nas urnas fomentou um estado passional que aqui podemos chamar de *fanatismo*. Para Landowski (2022), a associação dos princípios da disponibilidade, da sensibilidade e de uma forma muito elementar de crença baseada no sentimento de uma verdade experimentada é o mecanismo semiótico da construção do sujeito fanático. Este apresenta um estado de inicial de disponibilidade, de maleabilidade, de ausência de intencionalidade, mas que, ao se filiar a uma espécie de mentor – e, nesse caso, há que se reconhecer o papel de Olavo de Carvalho como ideólogo do bolsonarismo –, *sente a verdade*, a qual passa a ser "sua própria identidade, seu caminho, seu destino" (LANDOWSKI, 2022, p. 17). Portanto, a concentração

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.tse.jus.br/institucional/escola-judiciaria-eleitoral/publicacoes/revistas-da-eje/artigos/revista-eletronica-eje-n.-6-ano-4/por-que-a-urna-eletronica-e-segura>. Acesso: 06 mar. 2023.

nos QGs propiciou um contágio de sensibilidades e a experimentação de *uma verdade*: a de que o Brasil deveria ser protegido da ameaça comunista pelos militares. Assim, a análise do *corpus* deste estudo não pode desconsiderar esse contexto enquanto massa estésica e que, portanto, integra o objeto semiótico em questão.

Dessa forma, pelo discurso construído a partir das postagens do dia sete de janeiro, descritas de forma detalhada na seção três deste artigo, o Brasil deveria ser tomado pelos militares por meio de um golpe; havia insubordinação das forças armadas, ou seja, o exército estaria apoiando os atentados que aconteceram um dia após a propagação daquela mensagem; que havia infiltrados petistas nas invasões; e que Lula havia retirado Júlio César de Arruda do comando do exército o que, de fato, só aconteceu com a demissão de Arruda em 21 de janeiro, após os ataques terroristas. Assim, esses textos divulgam discursos que são ou mentirosos ou que se baseiam em teorias conspiratórias com o intuito de incentivar os ataques antidemocráticos.

Já no dia oito de janeiro, dia das invasões, as duas primeiras mensagens que mais circularam foram textos verbais – o primeiro digital e o segundo escrito à mão – que ordenaram a invasão e o acampamento dentro das casas dos três poderes. O primeiro finaliza com "passe adiante"; o segundo com "pedir intervenção militar já". A terceira mensagem circulou no dia anterior e foi objeto de análise no parágrafo anterior. Já a quarta mensagem dá instruções claras sobre horário do deslocamento rumo às sedes dos três poderes. Mais que simples injunções, as mensagens revelam uma interação contagiosa que se dá muito mais pela lógica da união que pela lógica da junção (LANDOWSKI, 2004), ou seja, em que o princípio da interação, pelo menos em primeiro plano, é a sensibilidade e não a circulação de objetos-valor. Toda a invasão entendida como um objeto semiótico, ou seja, o deslocamento de uma multidão, sua proxêmica, seu cromatismo verde-amarelo, rumo à praça dos Três Poderes, configura uma massa de sujeitos fanáticos movidos por um marchar compassado, por gritos de ordem, cuja única racionalidade possível é a do sensível.

No dia seguinte ao dos atentados, a primeira mensagem que mais circulou fala de supostos infiltrados que, pela perspectiva dos invasores, não eram patriotas, mas *black-blocks*, figurativizados por: “camisa preta e máscara”, “mascarado” e “cobrindo o rosto” e "INFILTRADOS - MENINOS DO LULES E DINO", em caixa alta, de modo relacionar os supostos *black-blocks* ao presidente e ao ministro da Justiça. Já a segunda mensagem tematiza uma possível paralisação geral da categoria dos caminhoneiros, fato que aumentaria

ainda mais o caos provocado pelos terroristas. A terceira mensagem mais compartilhada retrata o suposto infiltrado, que de acordo com as figuras da linguagem visual boné, óculos escuros, lenço cobrindo nariz e boca dão concretude ao infiltrado inimigo, juntamente com a inscrição verbal "patriota não usa isso". A quarta mensagem que mais circulou no dia nove exibe a imagem do ministro Flávio Dino e o texto verbal: "Grave. Dino diz que manifestantes contra o governo Lula serão abatidos com bala de verdade - divulguem até chegar às forças armadas". O enunciador, inscrito no enunciado, é "Divulga Gospel", do qual se pode inferir a ligação figurativa entre invasores e evangélicos. Com efeito, essa relação vai ao encontro da hipótese de Demuru (2021, p. 266), segundo a qual "o vínculo entre populismo e teorias da conspiração adquiriu, no Brasil de Bolsonaro, tons messiânicos que estão relacionados ao fenômeno neopentecostal evangélico".

Portanto, a análise das quatro postagens que mais circularam nos dias sete, oito e nove de janeiro, compreendidas em conjunto com acampamentos nos QGs que culminaram na própria invasão às casas dos três poderes, entendidos como objetos semióticos, apontam para o compartilhamento de uma verdade experimentada, de acordo com a terminologia de Landowski (2022). Essa *verdade experimentada* pelos invasores bolsonaristas corresponde, como demonstrou a análise, a discursos mentirosos e/ou a teorias conspiratórias. Esses são tomados como *verdade* por meio de interações entre sujeitos que não operam apenas cognitivamente, pelo princípio da distintividade, mas sobretudo sensivelmente, por uma forma elementar de crença e nos princípios da disponibilidade e da sensibilidade.

Dessa forma, o modelo teórico dos regimes de verdade e, de forma específica, o regime da *verdade experimentada*, permite compreender os atentados de oito de janeiro como sendo motivados por um efeito de verdade compartilhado de forma contagiosa entre seus autores. Essa *verdade* é engendrada dentro dos mecanismos semióticos do regime interacional do ajustamento. Dessa forma, o regime da *verdade experimentada* demonstra por que o contrato de veridicção não consegue dar conta de um tipo de sujeito semiótico impermeável a outras formas de verdade, seja a *provada*, sejam as *consensuais*.

Desse modo, a adesão ao discurso do interlocutor e ao próprio interlocutor pode prescindir de contrato e passar por outra via que não (apenas) a cognitiva/distintiva. É preciso, no entanto, compreender os regimes de verdade não como mecanismos estanques e fechados, mas modelos teóricos que visam a compreender práticas sociais. E, assim sendo, é plenamente possível articular, por exemplo, o regime das verdades consensuais com o da

verdade experimentada, tal como a sobreposição dos regimes da manipulação e do ajustamento, chamado de "manipulação por contágio" (LANDOWSKI, 2008; 2021).

Portanto, se no trabalho anterior (RIBEIRO, MENDES, ALZAMORA, 2022), partimos da noção greimasiana de *contrato de veridicção* para a compreensão de um efeito de verdade no contexto da desinformação, nos deparamos com um excedente estésico que a semiótica greimasiana ou *standard* não explicava de forma satisfatória. A análise aqui empreendida, em diálogo com os atuais desdobramentos da sociosemiótica, permite perceber que a adesão ao discurso desinformativo e a teorias conspiratórias passa por outras formas de interação que não são necessariamente apenas as contratuais, inteligíveis, mas também aquelas da ordem do sensível. Dessa forma, o modelo dos regimes de verdade permite compreender efeitos de verdade que se constroem em mecanismos semióticos governados pelo princípio da intencionalidade, da sensibilidade e, no caso em análise, na sobreposição deles.

## **6. Considerações finais: possíveis aproximações semióticas em torno dos atentados de oito de janeiro**

A questão do *contágio* nos parece ser um mecanismo semiótico particularmente relevante quando tratamos das relações entre crença e verdade no contexto da desinformação. Trata-se de um conceito que parece evidenciar congruências entre as duas abordagens semióticas aqui tratadas, ainda que tais conclusões tenham sido alcançadas por vias distintas. Pela perspectiva de Peirce, as análises realizadas neste estudo parecem indicar que a crença na veracidade da desinformação é corroborada por um efeito de contágio, potencializado pela dinâmica multiplicadora de signos, típica dos mecanismos que regem as plataformas de redes sociais digitais. Já pela sociosemiótica, o contágio é a forma de interação do regime do ajustamento em que se articula o regime da verdade experimentada. Esse efeito de verdadeiro se cria por meio de uma relação que em que a estesia tem papel preponderante. Assim, a ideia de contágio nos parece potente para dar conta desse sistema de desinformação que culminou na invasão criminosa das casas dos três poderes em Brasília e permite que se apontem pontos de contato entre as distintas semióticas aqui convocadas.

Para além disso, cabe destacar que, ao longo das análises, foi possível observar algumas confluências entre os métodos de fixação da crença com os regimes de verdade. Por um lado, o método científico estaria relacionado ao regime das verdades provadas pelo fato

de que, na ciência, a verdade é sempre temporária até ser substituída por outra e assim sucessivamente. Por outro, os métodos *a priori*, da autoridade e da tenacidade estariam ligados ao regime da verdade experimentada. No primeiro caso, o fato de uma crença ser impermeável a outra possibilidade de *verdade* implicaria um rechaço a qualquer forma de negociação em termos de verdades consensuais. No segundo, a adesão ao discurso do outro passa mais por quem fala do que pelo quê é dito, isto é, pelo vínculo emocional. Finalmente, no terceiro, a reiteração cria uma espécie de carga estésica que, pelo simples fato de repetir e repetir, vem ao encontro do que Tatit (2010) chamou de práticas impregnantes: "atos que se somam no campo de percepção do sujeito comprometendo sua capacidade de dar respostas parciais a cada um deles" (p. 117).

As aproximações entre duas escolas tão distintas teórica e epistemologicamente é apenas tentativa e inicial. Entretanto, em se tratando do estudo da desinformação, fenômeno tão premente e atual, mais do que identificar confluências teóricas, o estudo aqui empreendido teve o intuito de cercar o objeto e entendê-lo por mais perspectivas e matizes. Nesse sentido, este trabalho procurou reforçar como as abordagens semióticas têm se tornado relevantes para a compreensão do fenômeno da desinformação, ao trazer conceitos e ferramentas analíticas capazes de revelar as engrenagens sógnicas, discursivas e interacionais que se articulam por trás da complexidade desse problema.

## Referências

ALZAMORA; Geane.; MENDES, Conrado Mendes.; RIBEIRO, Daniel Melo. (orgs). **Sociedade da desinformação e infodemia**. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021.

ALZAMORA, Geane C. (2021). A fixação da crença em torno da desinformação em contexto de infodemia. En C. Victor, C. Souza (Eds) **A pandemia na sociedade de risco: perspectivas da comunicação**. São Paulo: Eduepb, pp. 165-180.

BAGGIO, Renan Henrique. **Como as redes fixam crenças: uma análise realista da pós-verdade e suas implicações semiótico pragmáticas**. 2021. 200 f. Tese (Doutorado), Curso de Filosofia, Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

BARRETO JÚNIOR, Irineu F.; NASPOLINI, Samyra H.D.F.; PICAZIO, Joseph R.. Ecosistema de desinformação política: análise dos mecanismos de disseminação da desinformação no Brasil. **Revista de Sociologia, Antropologia e Cultura Jurídica**. v. 8, n. 2, p. 0-18/Jul/Dez 2022.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. As *fake news* e as anomalias. **VERBUM** - Cadernos de Pós Graduação, v. 9, p. 26-41, 2020.

COLAPIETRO, V. Os Caminhos do Significado: Reflexões sobre a Teoria dos Interpretantes de Peirce. **Cognitio**: Revista de Filosofia, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 11–27, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitiofilosofia/article/view/13206>. Acesso em: 6 mar. 2023.

DEMURU, Paolo; SEDDA, Franciscu. Aquém, além e em torno da verdade: perspectivas e abordagens semióticas. **Estudos Semióticos** (online), v. 18, n. 2, São Paulo: Agosto de 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/200379/185577>. Acesso: 01. Mar.2023.

DEMURU, Paolo. Teorias da conspiração e populismo messiânico no Brasil contemporâneo: uma perspectiva semiótico-cultural. **Estudos Semióticos** [online], volume 17, número 2. Dossiê temático: “A Semiótica e a cultura”. São Paulo, agosto de 2021. p. 264-291.

IBRI, I. A. **Semiótica e Pragmatismo**: interfaces teóricas. vol 1. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura acadêmica, 2020.

PEIRCE, Charles. **Collected Papers**. HARTSHORNE, C.; WEISS, P. (orgs.), vols 1-6 e BURKS, W. (org.), vols 7-8. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1958. [Obra citada como CP seguido pelo número do volume e número do parágrafo].

PEIRCE, Charles. **The Essential Peirce**: selected philosophical writings. Houser, N. et al (orgs.). Bloomington, IN: Indiana University Press, 1992-1998, vols. 1-2. [Obra citada como EP, seguida do volume e da página].

PEIRCE, Charles. **Ilustrações da lógica da ciência**. Tradução: Renato Rodrigues Kinouhci. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.

RIBEIRO, D. M.; MENDES, C. M.; ALZAMORA, G. C. A relação entre crença e verdade no contexto da desinformação: uma leitura comparativa de Peirce e Greimas. In: 31º Encontro Anual dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - COMPÓS, 2022, Imperatriz. **Anais do 31º Encontro Anual da COMPÓS**, 2022. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/a-relacao-entre-crenca-e-verdade-no-contexto-da-desinformacao-uma-leitura-compar?lang=pt-br> Acesso em: 10 fev. 2023.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido II**: ensaios semióticos. São Paulo: EdUSP/Nankin, 2014.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

LANDOWSKI, Eric. As metamorfoses da verdade, entre sentido e interação. **Estudos Semióticos** [online], vol. 18, n. 2. São Paulo, agosto de 2022. p. 1-22. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: 15 fev. 2023.

LANDOWSKI, Eric. Manipular por contágio. **Revista Acta Semiotica**, (2), 176–196, 2021.

LANDOWSKI, Eric. Crítica semiótica do populismo. **Galáxia**, 44, p. 16-28, 2020.

LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. Tradução Luiza Helena Oliveira da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

LANDOWSKI, Eric. La politique-spectacle revisitée: manipuler par contagion. **Versus**, 107, 2008.

LANDOWSKI, Eric. **Passions sans nom**: essais de socio-sémiotique III. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.

SANTAELLA, Lúcia.. What is a Symbol (2005). **SEED Journal: Semiotics, Evolution, Energy, and Development**, v. 5, n.1, p. 54-60, 2005. Disponível em: <http://see.library.utoronto.ca/SEED/Vol3-3/Santaella.htm>. Acesso em: 27.Fev. 2023.

TATIT, Luiz. **Semiótica à luz de Guimarães Rosa**. Ateliê Editorial, 2010.